

CENÁRIO E PERSPECTIVAS PARA O SETOR FARMACÊUTICO NACIONAL



CENÁRIO E PERSPECTIVAS PARA O SETOR FARMACÊUTICO NACIONAL



ÍNDICE

1. Observatório Grupo FarmaBrasil: Inovação e Acesso em Saúde	6
2. Política industrial para inovação e acesso à saúde	12
3. Grupo FarmaBrasil	26
4. O setor em números	32
5. Conjuntura do setor farmacêutico brasileiro e mundial	40

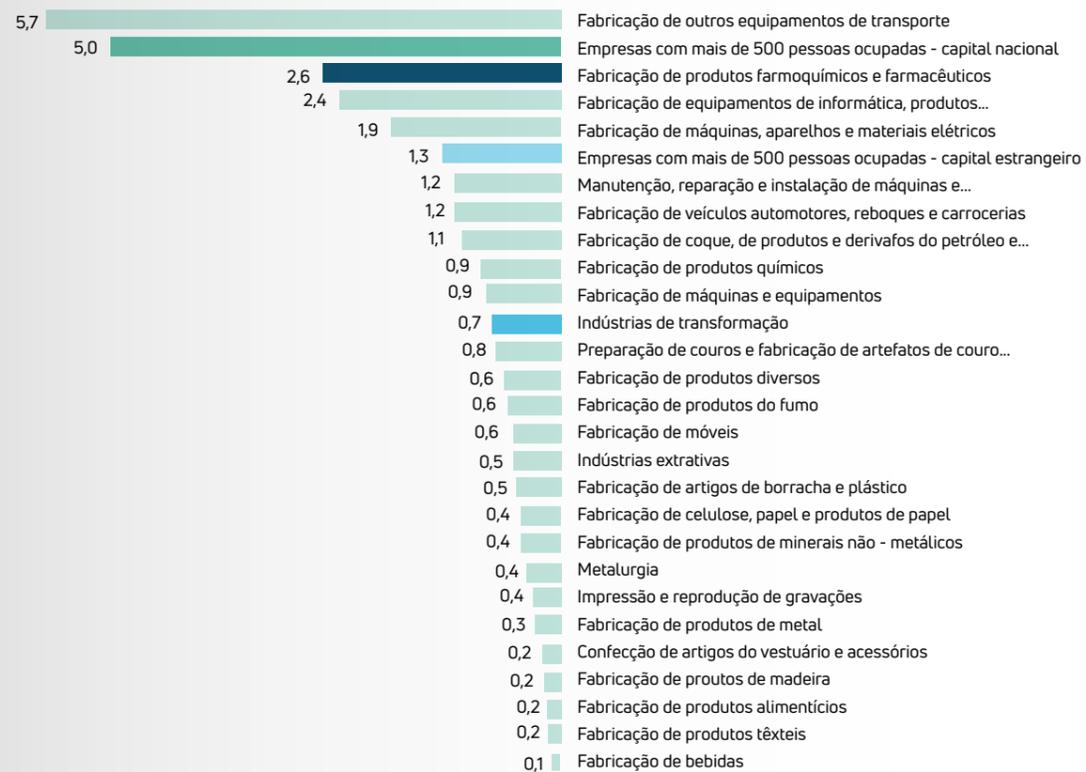
1. OBSERVATÓRIO GRUPO FARMABRASIL:
INOVAÇÃO E ACESSO EM SAÚDE



Em 2010, um grupo de empresas brasileiras de capital nacional, que já haviam consolidado a sua posição no mercado brasileiro, decidiram direcionar a sua trajetória para a inovação. Essas empresas, grandes fabricantes de similares, genéricos e fitoterápicos, aceitaram o desafio para o salto tecnológico de produção de anticorpos monoclonais e continuar no caminho da inovação para realizar inovações incrementais e radicais. Como consequência desta decisão, criaram o Grupo FarmaBrasil (GFB) para identificar obstáculos a serem removidos, oportunidades a serem aproveitadas e ações que poderiam ser implementadas para acelerar o acúmulo de conhecimento e competências tecnológicas nas empresas do setor.

O GFB reúne 12 empresas brasileiras de capital nacional (Aché, Althaia, Apsen, Biolab, Biomm, Bionovis, Blanver, EMS, Eurofarma, Hebron, Hypera Farma e Libbs) que, juntas, respondem por 30% do mercado brasileiro de medicamentos, empregam mais de 30 mil trabalhadores e investem, em média, 6,1% do seu faturamento anual em pesquisa e desenvolvimento (P&D), superando por larga margem a média da indústria farmacêutica brasileira, situada na faixa dos 2,6%. O resultado deste esforço de inovação se reflete nas cerca de 518 patentes depositadas no mundo pelas associadas ao Grupo FarmaBrasil.

INTENSIDADE DE P&D (P&D/ RECEITA LÍQUIDA DE VENDAS) - 2017



Fonte: PINTEC/ IBGE

As empresas associadas ao GFB são responsáveis pela consolidação da produção de medicamentos no território brasileiro e, se há pouco mais de duas décadas as empresas nacionais ocupavam papel coadjuvante, hoje assumem

posição central no setor. Das 10 maiores empresas farmacêuticas em operação no país, 7 são de controle de capital nacional, sendo 5 delas associadas do Grupo FarmaBrasil.

Ranking	Origem	R\$ PPP Bilhões	Marketshare	Varição (2021 - 2022)
1	NC FARMA	8,9	8,4%	14%
2	HYPERA	8,9	8,4%	19%
3	EUROFARMA	7,8	7,3%	22%
4	ACHE	6,0	5,6%	17%
5	SANOFI	5,5	5,2%	11%
6	NOVO NORDISK	3,7	3,5%	52%
7	NOVARTIS	3,5	3,3%	12%
8	CIMED	2,4	2,2%	5%
9	LIBBS	2,4	2,2%	16%
10	UNIÃO QUÍMICA	2,3	2,2%	22%

Fonte: IQVIA

O desenvolvimento do setor farmacêutico nacional atende, portanto, a um duplo propósito, pois além de ampliar o acesso à saúde, contribui para o desenvolvimento econômico e social brasileiro, na medida em que produz bens com alto valor agregado, investe em PD&I e emprega trabalhadores com renda e qualificação superior à média nacional.

do SUS, que viabiliza o uso do poder de compra do Estado como instrumento de promoção da inovação, a existência de uma base científica e tecnológica robusta e a existência de uma base industrial relevante de capital nacional.

Poucos segmentos produtivos responderam de forma tão expressiva às políticas públicas quanto o das grandes empresas farmacêuticas de capital nacional. Diversos fatores contribuem para explicar o extraordinário desempenho deste conjunto de empresas. A articulação entre o setor público e o privado foi decisiva para a formulação de políticas adequadas e para garantir que essas evoluíssem ao longo do tempo, para fazer frente à evolução dos desafios tecnológicos do setor. Outros pontos de destaque incluem a existência de um sistema de saúde com as características

Apesar da abundância de dados que demonstram a importância do desenvolvimento do setor farmacêutico nacional e o papel central das grandes empresas brasileiras de capital nacional nesse processo, faltava um esforço estruturado para colocar este tipo de informação e o debate daí decorrente ao alcance da sociedade, e até mesmo dos formadores de opinião e *policymakers*.

É nesse contexto que nasce o Observatório Grupo FarmaBrasil: Inovação e Acesso em Saúde. Resultado direto da implementação do planejamento estratégico do GFB, o objetivo do Observatório é funcionar como um verdadeiro Think Tank do segmento. Sua missão é, por meio da produção e difusão de conhecimento, sensibilizar a sociedade

para as enormes oportunidades que a manutenção e aceleração da rota de desenvolvimento da indústria farmacêutica brasileira oferecem para o Brasil.

Este documento é um dos primeiros passos da jornada do Observatório. Nas próximas páginas apresentamos, de forma sintética: i) quem são o grupo FarmaBrasil e suas empresas; ii) um panorama sobre o setor farmacêutico no Brasil e no mundo; e iii) a visão do Grupo FarmaBrasil sobre o papel da Política Industrial e de Inovação, principalmente nesse momento em que o novo governo brasileiro retoma, com objetividade e esforços corretamente direcionados às ações e políticas necessárias para a “neoindustrialização” do País e à ampliação do acesso à saúde, que se reforça no contexto das políticas orientadas à missão.

Boa leitura!

REGINALDO ARCURI

Presidente Executivo do Grupo FarmaBrasil

ADRIANA DIAFÉRIA MARWELL

Vice-presidente Executiva do Grupo FarmaBrasil

2. POLÍTICA INDUSTRIAL PARA A INOVAÇÃO E ACESSO À SAÚDE

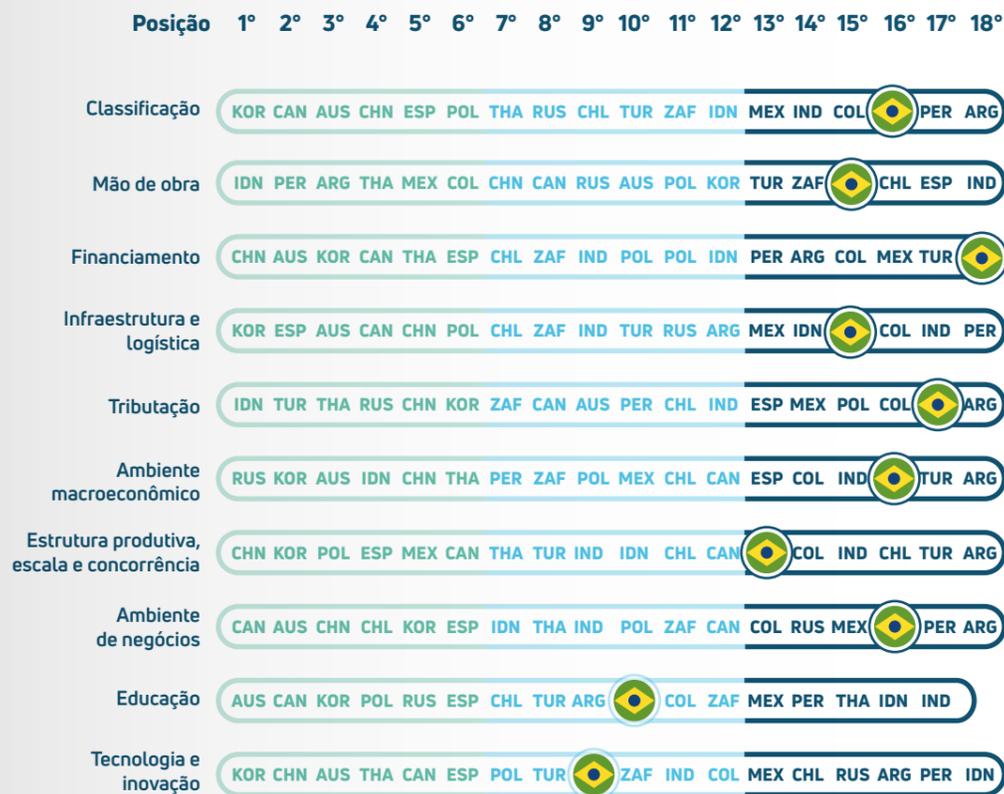


2.1. POLÍTICA INDUSTRIAL

O aumento da competitividade brasileira e o desenvolvimento industrial dependem de um amplo conjunto de fatores. Muitos destes estão relacionados a entraves sistêmicos que podem ser reunidos no conceito de Custo Brasil.

A Confederação Nacional da Indústria – CNI¹ (2022), avaliando diversos elementos que impactam a competitividade da economia brasileira, coloca o Brasil na penúltima posição em um ranking com 18 países.

RANKING DE COMPETITIVIDADE CNI - PAÍSES SELECIONADOS

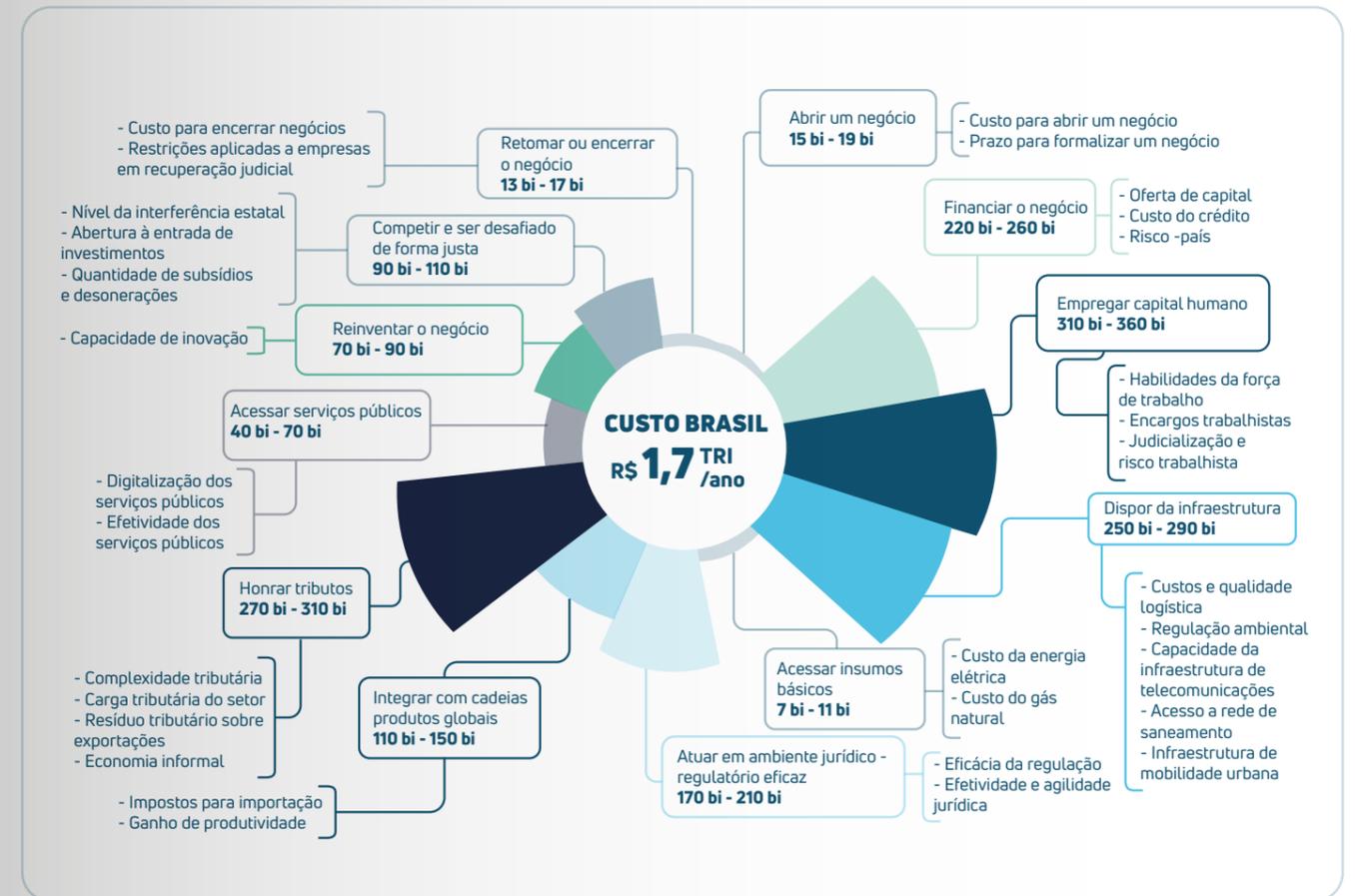


Fonte: CNI, 2022.

O impacto do Custo Brasil na economia brasileira foi quantificado pelo Governo Federal, em parceria com o MBC - Movimento Brasil Competitivo e diversas

entidades empresariais brasileiras e chegou à cifra de R\$ 1,7 trilhão por ano, divididos nos doze componentes ilustrados na figura abaixo.

1. CNI, Competitividade Brasil, 2021/2022. Disponível em: https://static.portaldaindustria.com.br/media/filer_public/e7/40/e740259f-460c-44c1-b4bb-1c0c7ec0e34c/competitividadebrasil_2021-2022_v1.pdf



Fonte: MBC <http://www.mbc.org.br/programa-custo-brasil/>

A eliminação do Custo Brasil é fundamental e o Brasil vem dando passos significativos nessa direção, sendo o mais relevante deles, no momento, a reforma da tributação do consumo.

Eliminar o Custo Brasil, contudo, é uma condição necessária para o desenvolvimento, mas não suficiente. A exemplo do que fazem as principais economias do mundo, muitas delas integrantes da OCDE, que há décadas dispõem de ambientes econômicos mais favoráveis que o Brasileiro, é preciso imple-

mentar uma estratégia de política industrial que estimule e acelere o desenvolvimento produtivo e tecnológico visando pôr em marcha um processo de mudança estrutural e aumento da produtividade.

A partir da análise da literatura econômica recente e da observação das práticas adotadas por países desenvolvidos e pelos países em desenvolvimento com melhor desempenho, fica evidente que a política industrial é uma parte do conjunto de políticas necessárias para pro-

mover o desenvolvimento econômico e social. É fundamental, portanto, a capacidade de combinar, de modo harmônico e coordenado, políticas verticais, horizontais e macroeconômicas, de modo que elas se reforcem mutuamente para estimular o desenvolvimento por meio da maior e melhor inserção internacional e de inovações que gerem o desenvolvimento de novas competências e a produção de bens e serviços com maior conteúdo tecnológico e valor agregado (IEDI, 2022).

Assim, somente com a combinação de um melhor ambiente de negócios com uma política industrial eficaz será possível promover o desenvolvimento de atividades produtivas com graus de sofisticação crescentes e que gerem demanda por trabalhadores com maior qualificação e maior renda. Esse deve ser o caminho para que o Brasil se livre, finalmente, da condição caracterizada como armadilha da renda média².

Como comenta GADELHA³, “é cada vez mais evidente que uma política sólida de inovação e desenvolvimento tecnológico é essencial para o desenvolvimento socioeconômico a longo prazo de uma nação, em especial, para países como o Brasil, que ainda possuem baixa renda per capita e indústrias predominantemente de baixa intensidade tecnológica.” E, complementa o autor, “o desenvolvimento tecnológico beneficia toda a sociedade. Países em desenvolvimento podem

usufruir ainda mais rapidamente dos seus benefícios ao estimular a geração e a difusão de novas tecnologias, propiciando ganhos de produtividade e elevação de renda a sua população.”

O papel da política industrial é, portanto, o de viabilizar e estimular a mudança estrutural e o aumento da produtividade, evitando a tendência de que a economia se especialize (ou se acomode) em atividades tradicionais ligadas às suas vantagens comparativas reveladas, frequentemente chamadas de “vocações naturais”, cujo potencial de ganho de produtividade é declinante quando comparado às atividades mais sofisticadas e que tendem a gerar empregos com menores requisitos de qualificação e menor renda.

É precisamente este entendimento que, historicamente, tem levado as maiores e mais dinâmicas economias do mundo a adotarem políticas industriais, processo que vem se acelerando. Como destaca IEDI (2022), “na última década, em um contexto de acirramento da competição internacional e rápida mudança tecnológica, diversos países anunciaram estratégias de política industrial bastante explícitas com o objetivo de fomentar o desenvolvimento tecnológico e a incorporação de tecnologias pelas suas indústrias. A divulgação sem disfarces semânticos de planos de política industrial pelas nações mais desenvolvidas é clara demonstração de que elas compreendem

2. Segundo IEDI (2022), “a armadilha da renda média se refere à condição de países que tiveram sucesso na transição da situação de baixa renda para níveis médios de renda per capita, mas, a partir deste ponto, não conseguem avançar para o estágio de alta renda. A primeira transição, para a renda média, normalmente está associada à urbanização e ao processo inicial de industrialização, com a transferência das pessoas de atividades de baixa produtividade para atividades de produtividade mais elevada e com a importação de tecnologia que, no século passado, era suficiente para promover grandes saltos de produtividade. O problema é que o segundo passo, para chegar ao status de alta renda, depende de condições essencialmente distintas, ligadas a inovações capazes de gerar ganhos de produtividade intrassetorial e ao aumento da complexidade produtiva. Isso requer um conjunto de políticas diferente.”

3. “GADELHA, 2022. Position Paper - Inovação e Desenvolvimento Tecnológico. Mimeo.”

as consequências de longo prazo de ficar para trás na corrida tecnológica com outras potências.” Nesse contexto, como alerta a CNI (2023) “o retorno das políticas industriais em todo o mundo deixou de ser uma escolha, para transformar-se em imperativo do desenvolvimento”.

Nos anos mais recentes, outros objetivos se somaram às motivações “tradicionais” para a adoção de políticas industriais, influenciando seu desenho, complexidade e, em alguns casos, o volume de recursos direcionados pelos governos. Primeiro, a crise sanitária da COVID-19 e seus impactos na economia mundial acelerou e amplificou a adoção de instrumentos de política industrial e de comércio exterior por diversos países, motivados por objetivos que têm sido descritos como busca de autonomia estratégica, resiliência das cadeias produtivas e, em última instância, segurança nacional. Gadelha (2022) enfatiza como “o choque disruptivo desencadeado pela pandemia da Covid-19 ampliou a percepção de necessidade de apoio à inovação e de urgência de políticas para fortalecer a capacidade tecnológica dos países.”

Na sequência, o acirramento da rivalidade tecnológica com a China, que busca se consolidar como potência tecnológica, agregou mais elementos para justificar o desenvolvimento e fortalecimento de competências tecnológicas locais, combinadas com estratégias de realocação da produção que desafiam a lógica de organização das cadeias globais de valor (e.g. reshoring, nearshoring, friendshoring), sempre acompanhadas de pesados incentivos oferecidos pelos governos. A esse contexto veio se somar o conflito Rússia-Ucrânia, que deu um novo impulso à influência da agenda de segurança nacional e busca de resiliência das cadeias produtivas dentro da política industrial.

É difícil prever se as referidas tendências à realocação da produção se manterão a longo prazo, mas parece inquestionável que no horizonte próximo elas oferecem oportunidades para o Brasil reforçar a sua posição na produção e no comércio mundial. Tais oportunidades, contudo, não se apresentam apenas para o Brasil e já há uma corrida de outros países para aproveitá-las.

Todos os aspectos mencionados acima contribuem para reforçar a importância e a urgência para que o Brasil retome uma estratégia de política industrial com visão de longo prazo e coerente com as melhores práticas e instrumentos existentes no mundo.

A mudança mais importante para o Brasil, contudo, considerando a evolução das políticas industriais no mundo, foi a emergência e consolidação do conceito de “política orientada à missão”.

O conceito de política orientada à missão está ligado à ideia de que o Estado pode ter um papel de protagonista no processo de desenvolvimento econômico ao direcionar os instrumentos de política pública para a solução de grandes desafios ou necessidades da sociedade (IEDI, 2022).

No caso brasileiro, o conceito de missão traz contribuições muito importantes para a formulação e a execução da política industrial:

- i) *Estabelece prioridades que devem ser alinhadas às necessidades da sociedade e materializadas em ganhos tangíveis, o que lhe dá legitimidade;*
- ii) *O foco em temas de grande impacto para a sociedade tende a facilitar a mobilização e coordenação de instrumentos de política que frequentemente estão dispersos entre diferentes órgãos e agências governamentais;*
- iii) *Os dois atributos acima, de legitimidade e coordenação, contribuem para a mobilização dos recursos necessários para a execução de políticas mais ambiciosas.*

Como comentado por IEDI (2022), “em um contexto de restrição fiscal e múltiplas necessidades da sociedade não atendidas, o conceito de missão pode contribuir para resgatar a ligação entre a política industrial e o desenvolvimento econômico e social e, como consequência disso, entre o desenvolvimento industrial e a melhoria da vida das pessoas.” Nessas condições, “o conceito de política orientada à missão adiciona uma camada extra aos resultados da política industrial e reforça a sua compatibilidade com o objetivo de promover a eficiência do gasto público, pois a seleção adequada das missões que serão enfrentadas deve assegurar que os recursos do Estado estão sendo direcionados para objetivos prioritários da sociedade.”

2.2. O PAPEL DO SETOR FARMACÊUTICO EM UMA NOVA ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO

O setor farmacêutico brasileiro é capaz de atender a todos os objetivos e critérios de priorização de uma política industrial contemporânea, alinhada às melhores práticas internacionais. É um setor de alta tecnologia, um dos que mais investe em P&D no mundo e emprega trabalhadores com alta qualificação.

O fortalecimento do setor farmacêutico atende, igualmente, aos “novos objetivos” das políticas industriais observados em outros países. O ecossistema

que compõe o setor farmacêutico brasileiro, incluindo a indústria nacional, os laboratórios públicos e a academia, foi fundamental para assegurar o abastecimento de produtos críticos para o combate à pandemia, comprovando o papel central que o desenvolvimento da produção farmacêutica deve ter, também, em uma estratégia de segurança nacional.

O farmacêutico é o setor da indústria brasileira que oferece as oportunidades mais concretas de gerar saltos tecnológicos relevantes que contribuam para o desenvolvimento econômico nacional e, simultaneamente, para uma missão que tenha como foco a ampliação do acesso à saúde para a população.

Em retrospecto, poucos segmentos produtivos responderam de forma tão expressiva às políticas públicas quanto o das grandes empresas farmacêuticas de capital nacional.

Como demonstra pesquisa do Grupo FarmaBrasil⁴ (GFB), os investimentos em P&D na indústria farmacêutica vêm experimentando uma notável aceleração no período recente. A partir de dados da PINTEC/IBGE, entre 2008 e 2017 (último ano com dados disponíveis) a taxa de crescimento real dos investimentos em P&D da indústria farmacêutica brasileira (de 4,9% ao ano) foi 2,5 vezes maior do que a média da OCDE (2,0% ao ano).

4. Grupo FarmaBrasil. “Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação no Setor Farmacêutico: o Brasil no cenário internacional”. 2023. <https://grupofarmabrasil.com.br/2023/05/05/pesquisa-desenvolvimento-e-inovacao-no-setor-farmacutico-o-brasil-no-cenario-internacional/>

— Taxa de crescimento anual dos Investimentos em P&D da Ind. Farmacêutica no período (% a.a.) —

	2008 - 2014 ²	2008 - 2017 ³
OCDE	0,30%	2,00%
China	15,50%	13,30%
Brasil - Total	8,40%	4,90%
Brasil - Grande ¹ Ind. Farmacêutica de Capital Nacional	16,10%	10,60%

— Esforço de P&D (P&D/ Receitas Liq. de Vendas) —

	2014 ²	2017 ³
Brasil - Ind. de transformação		0,70%
Brasil - Ind. Farmacêutica Total		2,70%
Brasil - Grande ¹ Ind. Farmacêutica de Capital Nacional		5,00%

— Taxa de crescimento anual dos Investimentos em P&D no período (% a.a.) —

	2008 - 2014 ²	2008 - 2017 ³
Brasil - Ind. de transformação	3,70%	-0,20%
Brasil - Ind. Farmacêutica Total	8,40%	4,90%
Brasil - Grande ¹ Ind. Farmacêutica de Capital Nacional	16,10%	10,60%

— Participação do Pessoal Ocupado em atividades de P&D com dedicação exclusiva —

	2014 ²	2017 ³
Brasil - Ind. de transformação	0,80%	0,30%
Brasil - Ind. Farmacêutica Total	2,90%	2,90%
Brasil - Grande ¹ Ind. Farmacêutica de Capital Nacional	4,60%	4,20%

Fonte: PINTEC/IBGE; OCDE

Notas: (1) Empresas com mais de 500 funcionários

(2) Corte referente ao período imediatamente anterior à crise econômica brasileira de 2015-2016.

(3) Refere-se ao último dado disponível

Considerando apenas o grupo representado pelas empresas farmacêuticas de capital nacional e de grande porte, com mais de 500 funcionários, o crescimento médio dos investimentos em P&D entre 2008 e 2017 alcançou a marca de 10,6% ao ano. No mesmo período, o investimento em P&D das farmacêuticas de capital estrangeiro encolheu 3,2% ao ano e a mé-

dia da indústria de transformação brasileira caiu 0,2% ao ano.

O referido estudo do GFB também demonstra a resiliência dos investimentos em P&D durante o período de retração econômica entre 2014 e 2017, evidenciando que o segmento das grandes empresas farmacêuticas de capital nacional

incorporou de forma decisiva e definitiva a inovação como elemento central das suas estratégias empresariais. Neste último ano, 4,2% dos trabalhadores dessas empresas tinham dedicação exclusiva a atividades de P&D.

Os resultados desse esforço de inovação são notáveis, com um número crescente de empresas que lançam novos produtos no mercado brasileiro e o início de um processo de introdução de produtos novos no mundo, o que configura uma nova fase do seu processo de desenvolvimento produtivo e tecnológico.

Diversos fatores contribuem para explicar o extraordinário desempenho deste conjunto de empresas. A articulação entre o setor público e o privado, ilustrada na figura abaixo, foi decisiva para a formulação de políticas adequadas e para garantir que essas evoluíssem ao longo do tempo, para fazer frente à evolução dos desafios tecnológicos do setor. Outros pontos de destaque incluem a existência de um sistema de saúde com as características do SUS, que viabiliza o uso do poder de compra do Estado como instrumento de promoção da inovação, a existência de uma base científica e tecnológica robusta e de uma base industrial relevante de capital nacional.

POLÍTICA INDUSTRIAL E A TRAJETÓRIA DA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA NACIONAL

Evolução da indústria

Evolução da política industrial



Fonte: Elaboração própria a partir de BNDES e Grupo FarmaBrasil

O caso da Coreia do Sul também oferece exemplos úteis de política industrial que evoluiu ao longo do tempo para fazer frente aos novos desafios tecnológicos e necessidades da sociedade (ver linha do tempo).

A estratégia coreana para se tornar uma potência na área farmacêutica combina uma série de fatores estratégicos e políticas governamentais voltadas para o desenvolvimento da sua indústria na-

cional, com destaque para: i) estímulo ao investimento público e privado em P&D em áreas de grande potencial de crescimento, como medicamentos biotecnológicos e terapia celular; ii) formação de profissionais altamente

qualificados nas áreas científicas e tecnológicas, suprimindo a demanda da indústria farmacêutica por especialistas; iii) desenvolvimento de infraestrutura avançada; e iv) foco na promoção da imagem do país e exportação.

CORÉIA DO SUL

Linha do tempo das principais iniciativas do desenvolvimento da indústria biofarmacêutica
ESTABELECENDO AS FUNDAÇÕES BÁSICAS PARA O CRESCIMENTO



CRIANDO UM ARCABOUÇO E INFRAESTRUTURA PARA PESQUISA



FOMENTANDO INVESTIMENTOS COM PLANOS CONSISTENTES DE LONGO PRAZO



Fonte: IQVIA

2.3. A CENTRALIDADE DA SAÚDE NO CONTEXTO DAS POLÍTICAS ORIENTADAS A MISSÕES

A centralidade do setor da saúde em uma nova estratégia de desenvolvimento brasileira, ancorada no conceito de política orientada à missão tem sido ressaltada tanto pelo governo brasileiro, por meio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Industrial - CNDI, como pelo setor industrial, representado pela Confederação Nacional da Indústria - CNI.

O CNDI estabeleceu, entre as missões prioritárias que deverão ser enfrentadas pela política industrial, o tema “complexo da saúde resiliente para a prevenção e o tratamento de doenças”, com os seguintes objetivos⁵:

1. Desenvolver tecnologias e adensar a produção nacional de bens e serviços em saúde, com vistas a reduzir a dependência externa, ampliar o acesso à saúde no SUS e preparar o Complexo Econômico-Industrial da Saúde (CEIS) para o enfrentamento de emergências futuras em saúde pública;
2. Liderar a pesquisa, o desenvolvimento, a inovação e a produção de tecnologias e serviços voltados à prevenção, ao diagnóstico e ao tratamento de doenças endêmicas e negligenciadas no país e na região;
3. Desenvolver tecnologias da informação e da comunicação, com domínio nacional de dados, de forma a ampliar a capacidade de resposta do SUS e expandir e qualificar a oferta de produtos e a prestação de serviços de saúde;
4. Fortalecer a capacidade nacional em pesquisa clínica e pré-clínica em tecnologias críticas ligadas à prevenção e ao tratamento de doenças e agravos com maior impacto para a sustentabilidade do SUS; e
5. Liderar elos das cadeias produtivas da saúde intensivos no uso sustentável e inovador da biodiversidade.

5. RESOLUÇÃO CNDI/MDIC Nº 1, DE 6 DE JULHO DE 2023. Disponível em https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-cndi-mdic-n-1-de-6-de-julho-de-2023-*-497534395

A CNI, por sua vez, defendeu o tema no seu “Plano de Retomada da Indústria: uma nova estratégia, focada em inovação, competitividade, descarbonização, inclusão social e crescimento sustentável” (CNI, 2023).

Reforçando o conceito de política orientada à missão, a CNI argumenta que, “políticas contemporâneas (...) não visam simplesmente desenvolver soluções tecnológicas ou apoiar suas empresas na conquista de mercados globais. Elas almejam, igualmente, alcançar objetivos sociais relevantes, como a preservação ambiental, a segurança sanitária, alimentar e energética, a melhoria da mobilidade urbana e o respeito aos imperativos da soberania nacional.”

Analisando as principais tendências mundiais, a CNI identifica que “no caso do complexo industrial da saúde, cujos objetivos se comunicam diretamente com o aumento do bem-estar da população, a expansão do acesso a serviços de saúde tem sido utilizada como diretriz para a criação de ações voltadas ao fomento doméstico da indústria de fármacos, medicamentos, vacinas, reagentes e equipamentos médico-hospitalares.

Com base nesta avaliação, a entidade propôs quatro missões que “buscam combinar as prioridades da sociedade brasileira com os novos paradigmas tecnológicos”, sendo uma delas dedicada à “Saúde e Segurança Sanitária”. Os principais elementos da proposta da CNI relacionada a esta missão encontram-se sintetizados no quadro ao lado.

MISSÕES PROPOSTAS PELA CNI MISSÃO 3: SAÚDE E SEGURANÇA SANITÁRIA

TRECHOS SELECIONADOS, COM FOCO NA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA

Objetivo: universalizar o acesso e promover o desenvolvimento competitivo da cadeia de produção e exportação de medicamentos, vacinas, testes, protocolos, equipamentos e serviços.

Caracterização do Problema:

“A pandemia da covid-19 reforçou a necessidade de se ter segurança sanitária por meio do fortalecimento da base de ciência e tecnologia e da capacitação do Complexo Econômico-Industrial da Saúde. O Brasil tem muitas oportunidades de criar soluções que facilitem a universalização do acesso e que promovam o desenvolvimento competitivo de medicamentos, vacinas, testes, protocolos, equipamentos e serviços.”

“Na resposta à pandemia, ficaram evidentes as capacidades de produção e pesquisa que o Brasil possui, sendo viável seu fortalecimento, como no caso da produção de medicamentos para internações, na sustentação das Unidades de Tratamento Intensivas e na viabilização das testagens. No desenvolvimento da vacina, em especial, foi notória a capacidade tecnológica instalada nas empresas, startups e institutos de ciência e tecnologia, com destacada atuação da Fiocruz e do Butantan.”

“Apesar das capacidades existentes, a produção de medicamentos está concentrada em genéricos e similares. É necessário intensificar e diversificar a indústria de medicamentos, expandindo o uso da inovação e garantindo a saúde para a população. No caso dos insumos farmacêuticos ativos (IFAs), por exemplo, o país importa mais de 90%, o que representa fragilidade diante situações como a pandemia.”

“O conjunto de regulação do setor também precisa ser modernizado, de forma que haja cooperação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) com outros atores. Além disso, a política de saúde precisa ter uma coordenação a longo prazo (...) por grupos de atores do setor público, das agências reguladoras, das empresas industriais, das prestadoras de serviços de saúde, das agências de fomento à produção e ao desenvolvimento tecnológico e de representantes da comunidade científica.”

Solução:

“Há oportunidades para criar soluções facilitadoras da universalização do acesso à saúde e para promover o desenvolvimento competitivo de medicamentos, vacinas, testes, protocolos, equipamentos e serviços. Assim, é possível garantir o acesso da população brasileira à saúde de qualidade pelo fomento à produção de bens e serviços em saúde.” (...) “A missão deve envolver todo o Sistema de Saúde do Brasil, em cujo marco institucional se encontra o SUS.”

Benefícios Esperados:

- Reduzir a dependência nacional por importações de insumos, bens e serviços de saúde.
- Aumentar a produção industrial de medicamentos, insumos, materiais e equipamentos de saúde.
- Estruturar os encadeamentos produtivos do Complexo Econômico-Industrial da Saúde dentro dos propósitos das políticas de desenvolvimento regional.
- Aumentar a produção de bens e serviços médicos e laboratoriais no Brasil, incluindo a assistência hospitalar.
- Incentivar o desenvolvimento, a pesquisa, a capacitação científica e tecnológica e a inovação.
- Garantir o acesso da população brasileira à saúde de qualidade.
- Fortalecer a gestão em saúde e a articulação nacional para a qualificação das compras públicas.

Programas propostos:

- Programa 1: Desenvolvimento e produção de vacinas
- Programa 2: Produção de Insumos Farmacêuticos Ativos (IFA)
- Programa 3: Produção de medicamentos
- Programa 4: Prestação de Serviços para a Indústria Farmacêutica
- Programa 5: Produção de Materiais e Equipamentos Médicos
- Programa 6: Assistência Farmacêutica

De maneira convergente com a agenda proposta pela CNI, o Movimento Brasil Competitivo (MBC, 2023) também coloca a saúde em posição de destaque em sua “Agenda Brasil 2034”, desenvolvida em parceria com a FGV. O documento apresenta visões do setor produtivo e da sociedade civil para o desenvolvimento sustentável do país.

A entidade argumenta que “se, por um lado, o país precisa promover crescimento econômico que garanta recursos para investir e solucionar suas mazelas, por outro, a prosperidade não será alcançada enquanto boa parte de sua população não tiver acesso a ensino de qualidade, saúde, emprego e renda dignos”.

Assim, no que tange à saúde, o MBC destaca o impacto provocado pela pandemia na saúde brasileira e como “a importância

de um sistema de saúde público e universal para o atendimento da população foi ainda mais explicitada, assim como as fragilidades existentes”.

O MBC destaca o reconhecimento internacional do SUS, considerado uma referência, mas pondera que “o envelhecimento da população, o aumento de condições crônicas de saúde e o subfinanciamento do SUS têm trazido novas demandas e desafios ao setor de saúde”.

Nesse contexto, a “Agenda Brasil 2034” do MBC é organizada a partir de Eixos de Desenvolvimento aos quais estão associados “Propósitos”.

A saúde é tratada no “Propósito 1” do “Eixo Social”. O quadro abaixo apresenta uma síntese da proposta.

MBC – AGENDA BRASIL 2034 PROPOSTAS RELACIONADAS À SAÚDE – DESTAQUES

EIXO SOCIAL

PROPÓSITO 1: SAÚDE - COBERTURA UNIVERSAL E COM QUALIDADE DA SAÚDE

Propostas:

- Fortalecer a Atenção Primária à Saúde;
- Aprimorar a eficiência da gestão do SUS;
- Promover a prática da telessaúde para integrar os diferentes níveis de cuidados com a saúde;
- Melhorar o sistema de informação da área da saúde;
- Aprimorar a gestão do Sistema Único de Saúde;
- Adequar os serviços de saúde para atendimento das novas demandas;
- **MELHORAR O ACESSO A MEDICAMENTOS ESSENCIAIS**, alterando os processos de aquisição;
- Rever os atos normativos e aperfeiçoar as estratégias voltadas para a redução da judicialização da área de saúde;
- **MELHORAR A COMPETITIVIDADE DA INDÚSTRIA DE SAÚDE**, investindo na formação e capacitação de seus profissionais e reduzindo a dependência externa, com a criação de matriz industrial de insumos, envolvendo entes públicos e privados, de modo a garantir as cadeias de suprimentos de fármacos, medicamentos, vacinas, reagentes e equipamentos médico-hospitalares a partir de uma política de desenvolvimento produtivo, científico e tecnológico;
- Estabelecer melhor controle sobre a atuação das Organizações Sociais de Saúde.

2.4. CONCLUSÃO

No contexto de políticas orientadas à missão e do conceito de “neointustrialização” propostos pelo Governo Federal, o setor farmacêutico, apoiado pelas políticas certas, pode oferecer ainda mais para a sociedade brasileira.

Após as experiências bem sucedidas com os medicamentos similares, genéricos, fitoterápicos e do alcance da plataforma biotecnológica, a indústria farmacêutica nacional está preparada para dar o próximo passo e avançar na ampliação do acesso da população a medicamentos, contribuir para a resiliência do SUS e reforçar e consolidar a pesquisa, desenvolvimento e a produção de medicamentos inovadores, com inovações incrementais e radicais, imprescindíveis para enfrentar os desafios da saúde no Brasil.

A recriação do GECEIS - Grupo Executivo do Complexo Econômico-Industrial da Saúde e do CNDI como fóruns de governança e tomada de decisão são, nesse contexto, passos fundamentais para esta nova etapa do desenvolvimento da indústria farmacêutica nacional.

3. GRUPO FARMABRASIL



O Grupo FarmaBrasil⁶ (GFB) foi criado em 2011 por um grupo de empresas farmacêuticas de capital nacional que veem a inovação como fator chave para impulsionar o desenvolvimento e para ampliar e melhorar o acesso dos brasileiros à saúde.

A fundação do GFB representa a institucionalização do fórum de debates dos dirigentes das maiores empresas farmacêuticas de pesquisa de capital nacional a respeito do futuro do setor no Brasil. Por esta razão, tem a inovação como o centro de sua atuação, que envolve identificar obstáculos a serem removidos, oportunidades a serem aproveitadas e ações que poderiam ser implementadas para acelerar o acúmulo de conhecimento e competências tecnológicas nas empresas do setor.

O processo de criação do GFB foi ensejado pela aprovação da RDC 55, que instituiu a figura do biossimilar no Brasil, e pelas Parcerias de Desenvolvimento Produtivo (PDPs), que criaram o canal de apoio à entrada das empresas brasileiras na rota biotecnológica. Seu objetivo é acompanhar, propor e influenciar as políticas necessárias para o avanço da inovação no setor, seja em síntese química, seja em biotecnologia, junto aos governos e às entidades reguladoras. Neste sentido, o GFB atuou para o aperfeiçoamento das PDPs e a melhoria no marco regulatório de acesso à biodiversidade, assim como vem debatendo a importância da correta precificação da inovação incremental e da convergência regulatória com o restante do mundo.

As empresas do Grupo FarmaBrasil são exemplos do que o conjunto da indústria brasileira almeja e precisa ser: seus

6.. Texto adaptado do livro *Grupo FarmaBrasil: 10 anos Construindo a Inovação (2022)*

padrões de qualidade são os mesmos dos competidores internacionais, não gozam de proteções especiais do Estado, foram para o mundo produzir e se desenvolver. Disputam e ocupam parcelas crescentes do mercado nacional, apesar de todas as crises, econômicas, sociais, políticas e sanitárias, gerando emprego e ampliando o acesso da população a medicamentos.

Neste período, foi notável a ampliação dos investimentos desse grupo de empresas: em pesquisas e desenvolvimento, na produção, em novas fábricas e centros de P&D, em várias regiões do Brasil e, cada vez mais, em outros países.

3.1 AS ASSOCIADAS DO GRUPO FARMABRASIL

Hoje o Grupo FarmaBrasil reúne 12 empresas brasileiras de capital nacional. Juntas, elas respondem por 38% de todo o volume de medicamentos ofertados no mercado de varejo no Brasil, empregam mais de 30 mil colaboradores e investem, em média, 6,1% do faturamento anual em pesquisa e desenvolvimento (P&D), superando a média da indústria farmacêutica e farmoquímica brasileira, situada na faixa de 2,6%.

Fortalecidos e com estrutura técnica comparável aos melhores laboratórios farmacêuticos do mundo, os associados do GFB contribuíram para a reconfiguração observado no setor produtivo brasileiro de medicamentos nos últimos anos. Se há pouco mais de uma década as empresas nacionais ocupavam papel coadjuvante, hoje assumem posição central no setor. Das 20 maiores empresas farmacêuticas em operação no país, 10 são de controle de capital nacional, sendo 7 delas associadas do Grupo FarmaBrasil.

Ranking	Origem	R\$ PPP Bilhões	Marketshare	Varição (2021 - 2022)
1	NC FARMA	8,9	8,4%	14%
2	HYPERA	8,9	8,4%	19%
3	EUROFARMA	7,8	7,3%	22%
4	ACHE	6,0	5,6%	17%
5	SANOFI	5,5	5,2%	11%
6	NOVO NORDISK	3,7	3,5%	52%
7	NOVARTIS	3,5	3,3%	12%
8	CIMED	2,4	2,2%	5%
9	LIBBS	2,4	2,2%	16%
10	UNIÃO QUÍMICA	2,3	2,2%	22%
11	NESTLE	2,3	2,1%	30%
12	FQM	2,1	2,0%	12%
13	BIOLAB	2,1	2,0%	9%
14	ASTRAZENECA	2,0	1,9%	21%
15	GSK	1,9	1,8%	26%
16	J&J	1,8	1,7%	25%
17	BAYER	1,8	1,7%	-18%
18	LOREAL	1,7	1,6%	18%
19	APSEN	1,5	1,4%	17%
20	BOEHRINGER	1,4	1,3%	20%

Fonte: IQVIA

Além de investir no desenvolvimento de fármacos e medicamentos de síntese química de alta complexidade, assim como fitoterápicos, as empresas do Grupo FarmaBrasil também estão voltadas ao desenvolvimento de medicamentos biológicos. As associadas do Grupo FarmaBrasil trabalham alinhadas na construção desta nova plataforma tecnoló-

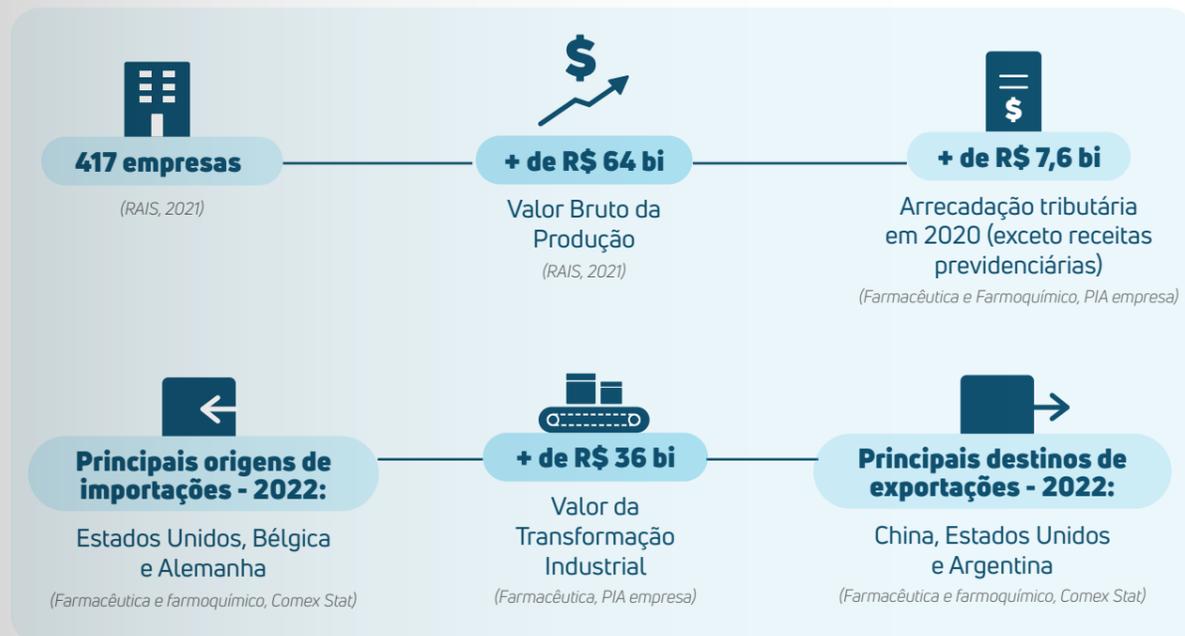
gica de desenvolvimento e produção de produtos farmacêuticos de alta relevância terapêutica no Brasil, o que impacta no desenvolvimento da indústria nacional, na ampliação do acesso com qualidade a tratamentos de alto custo, além de contribuir para o equilíbrio dos gastos públicos e efeito positivo sobre a balança comercial de medicamentos.



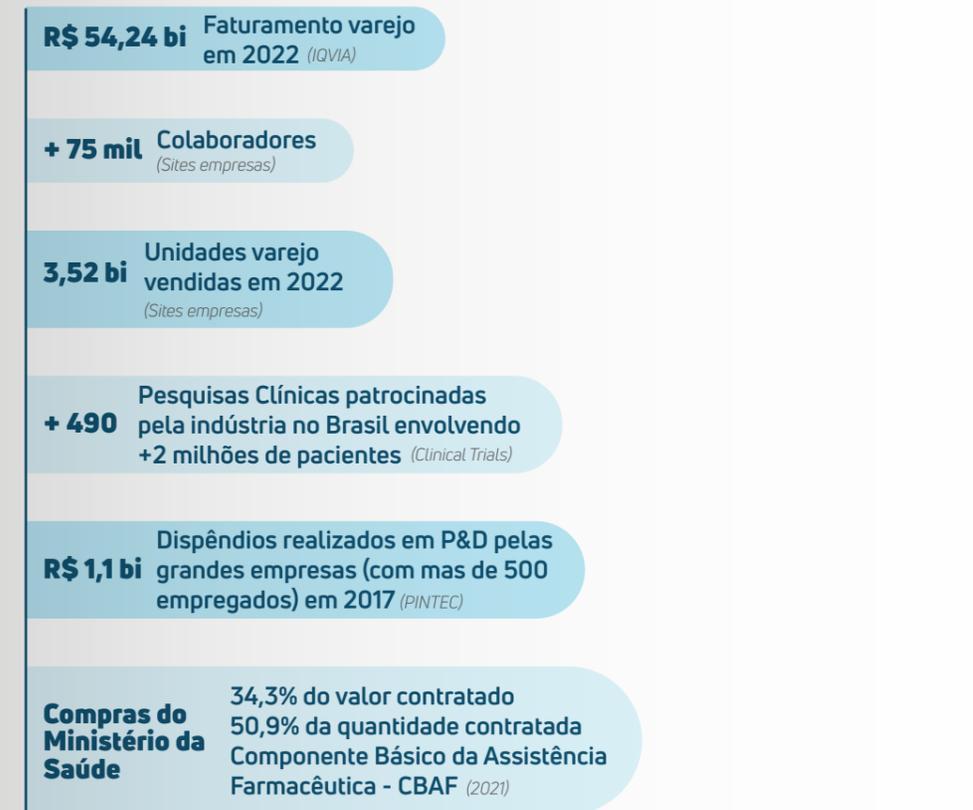
4. O SETOR EM NÚMEROS



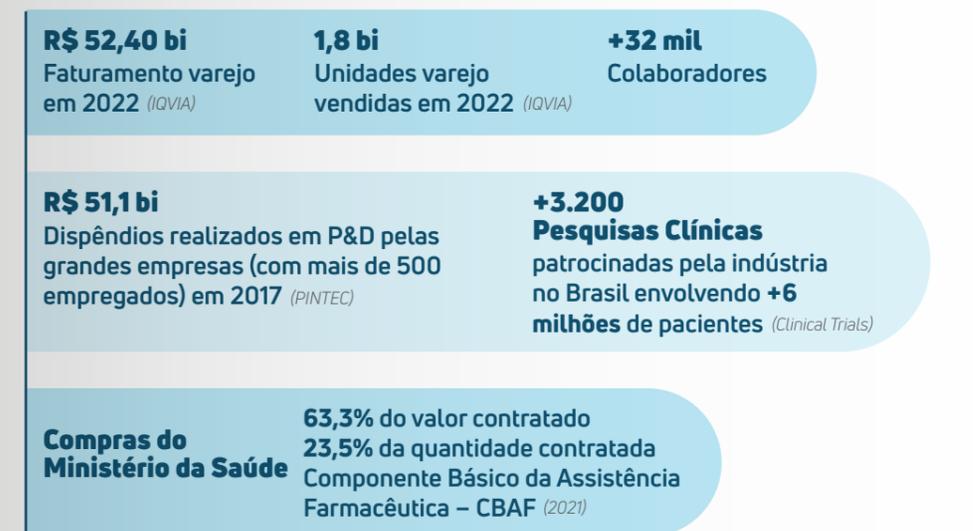
4.1 NÚMEROS TOTAIS DA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA INSTALADA NO BRASIL



4.2 NÚMEROS TOTAIS DA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA DE CAPITAL NACIONAL



4.3 NÚMEROS TOTAIS DA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA MULTINACIONAL NO BRASIL



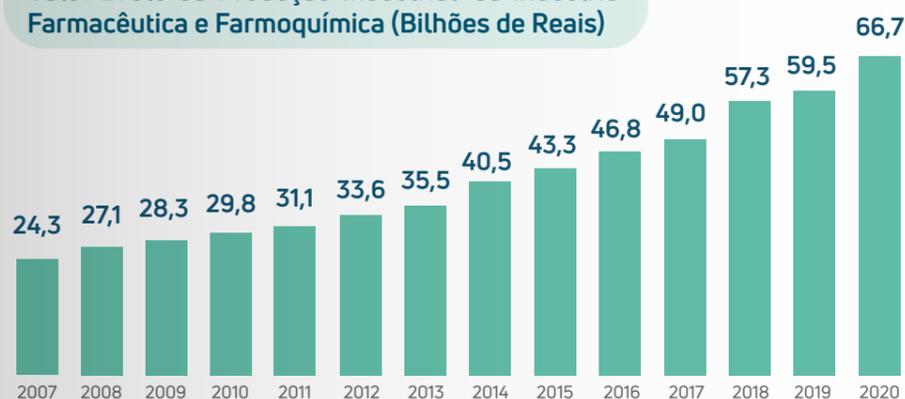
4.4 NÚMEROS DO GRUPO FARMABRASIL

Associadas do GFB se posicionam entre as maiores farmacêuticas do Brasil



PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA E FARMOQUÍMICA NO BRASIL

Valor Bruto da Produção Industrial¹ da Indústria Farmacêutica e Farmoquímica (Bilhões de Reais)



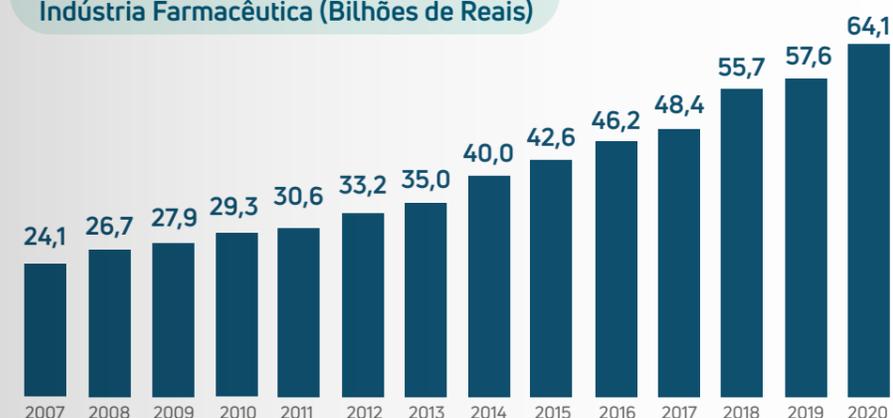
Fonte: PIA-Empresa, 2020.

¹ Variável obtida pela soma do valor de vendas de produtos e serviços industriais (receita líquida industrial); variação dos estoques dos produtos acabados e em elaboração; e produção própria realizada para o ativo imobilizado.

* Indústria Farmacêutica representa 96% da indústria farmacêutica e farmoquímica.

- Crescimento médio na produção de 8% ao ano entre 2007 a 2020.
- Produção industrial anual média da indústria farmacêutica e farmoquímica foi de R\$ 40,9 bilhões.
- Em 10 anos (2007 – 2017) o valor bruto da produção industrial dobrou.

Valor Bruto da Produção Industrial da Indústria Farmacêutica (Bilhões de Reais)



Fonte: PIA-Empresa, 2020.

¹ Variável obtida pela soma do valor de vendas de produtos e serviços industriais (receita líquida industrial); variação dos estoques dos produtos acabados e em elaboração; e produção própria realizada para o ativo imobilizado.

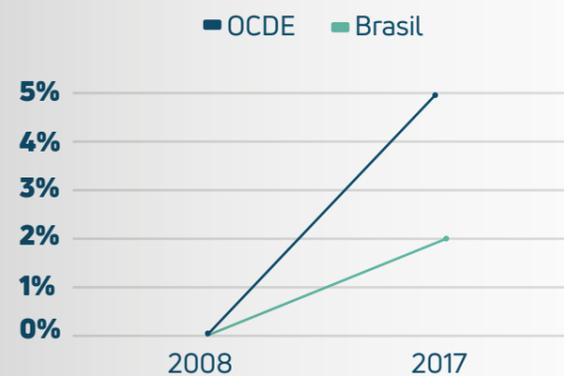
* Indústria Farmacêutica representa 96% da indústria farmacêutica e farmoquímica.

- Crescimento médio na produção de 8% ao ano entre 2007 a 2020.
- Produção industrial anual média da indústria farmacêutica e farmoquímica foi de R\$ 40,1 bilhões.
- Em 10 anos (2007 – 2017) o valor bruto da produção industrial dobrou.

4.5 INVESTIMENTO EM P&D: FOCO DAS NACIONAIS

Os investimentos em P&D na indústria farmacêutica vêm experimentando uma notável aceleração no período recente.

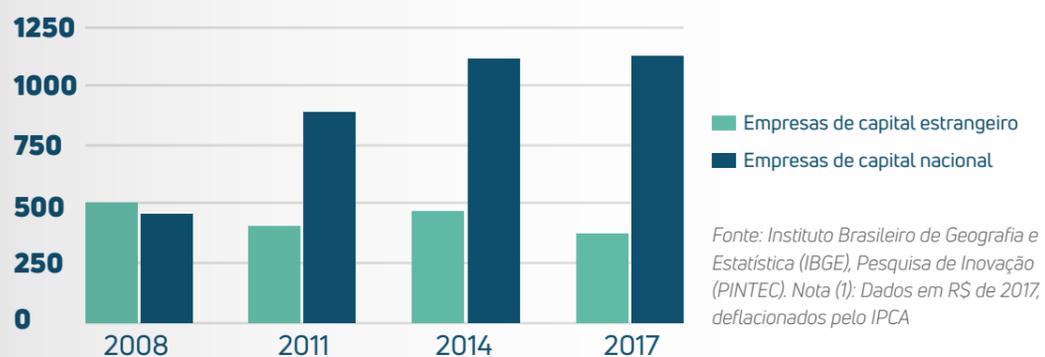
Crescimento Anual de Investimento em P&D (2008 - 2017)



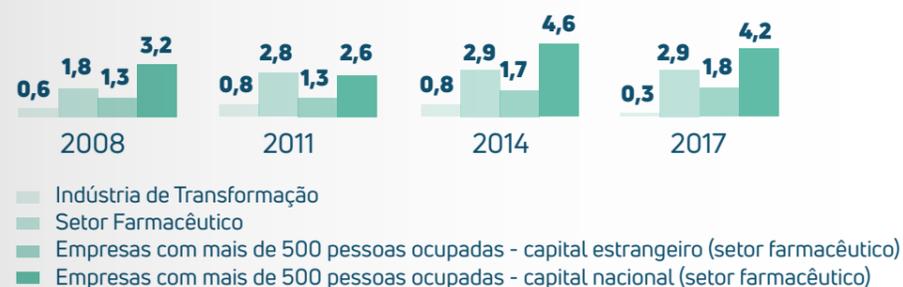
Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), Business enterprise P&D expenditure by industry (BERD) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Considerando apenas o grupo representado pelas empresas farmacêuticas de capital nacional e de grande porte, com mais de 500 funcionários, o crescimento médio dos investimentos em P&D entre 2008 e 2017 alcançou 10,6% ao ano.

Investimento em P&D Empresas de Grande Porte (2008 - 2017)



Participação do pessoal ocupado em atividades de pesquisa e desenvolvimento (P&D) em regime de dedicação exclusiva: indústria de transformação, setor farmacêutico total e por empresas acima de 500 pessoas ocupadas por origem de capital (2008 - 2017) - em %



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Pesquisa de Inovação (PINTEC)*

**5. CONJUNTURA DO SETOR
FARMACÊUTICO BRASILEIRO
E MUNDIAL**



5.1 ECONOMIA BRASILEIRA E MUNDIAL

A economia brasileira e mundial tem enfrentado momentos desafiadores e de mudanças significativas. No Brasil, em 2020, a pandemia de COVID-19 resultou em uma recessão profunda, levando a uma queda de 3,9% do Produto Interno Bruto (PIB) em relação ao ano anterior.

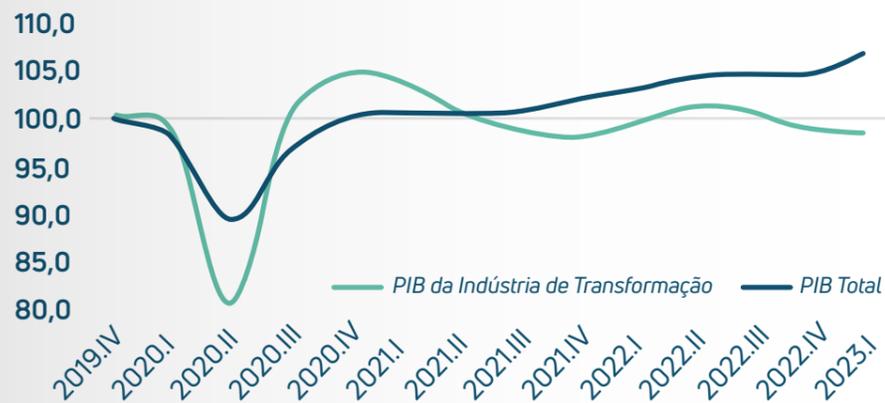
No entanto, desde então, a economia brasileira vem mostrando sinais de recuperação. A vacinação em massa impulsionou a retomada de setores como comércio, serviços e indústria. O Governo adotou medidas de estímulo econômico, como programas de auxílio emergencial para impulsionar o crescimento. Em 2021, o

PIB brasileiro cresceu cerca de 5,0%, superando a queda de 2020 causada pela pandemia. O PIB do Brasil em 2022 alcançou R\$ 9,9 trilhões.

Após o expressivo crescimento da economia brasileira no primeiro trimestre de 2023 (1,9%), o Banco Central (BC) elevou sua estimativa para a expansão do PIB deste ano, de 1,2% para 2%. Essa alta foi impulsionada pelo desempenho positivo do agronegócio no começo do ano, elevando a estimativa para a expansão da agropecuária para 10%. A revisão para a indústria foi de alta de 0,3% para 0,7%. No caso dos serviços, o BC mudou a previsão de crescimento de 1,0% para 1,6%.

PIB TOTAL E PIB DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO - IMPACTO DA COVID-19

Número Índice com ajuste sazonal (4º trim/19 = 100)



Fonte: IBGE

Os indicadores conjunturais da indústria farmacêutica no 1º trim/23 deram continuidade aos sinais positivos já detectados no final de 2022. A produção física do setor que no ano de 2022 não teve uma boa

performance voltou a crescer fortemente em 2023. Depois de ter registrado 16,9% no 4º trim/22, a indústria farmacêutica e farmoquímica obteve alta de 17,2% no 1º trim/23⁷.

7. Boletim Conjuntural da Indústria Farmacêutica Grupo FarmaBrasil – 1º trimestre de 2023, usando dados do IBGE

PRODUÇÃO INDUSTRIAL - SETORES

Var. (%) 1º trim/23 ante 1º trim/22



Fonte: IBGE

Apesar da retomada do crescimento da economia brasileira, o País ainda permanece se distanciando do padrão de competitividade de economias desenvolvidas e mesmo emergentes. O País passou a

ocupar a 60ª posição no ranking de competitividade e o 61º lugar no ranking de produtividade do trabalho do IMD (Institute for Management Development) de um total de 64 países avaliados.

Ranking de competitividade IMD 2023	
2023	País
1	Dinamarca
2	Irlanda
3	Suíça
4	Cingapura
5	Holanda
6	Taiwan, China
7	Hong Kong SAR
8	Suécia
9	EUA
10	Emirados Árabes
60	Brasil

Fonte: IMD (Institute for Management Development)

Ranking de produtividade IMD 2023

2023	País
1	Suíça
2	Irlanda
3	Dinamarca
4	Bélgica
5	Holanda
6	Hong Kong SAR
7	Áustria
8	Alemanha
9	Bahrein
10	Taiwan, China
61	Brasil

Fonte: IMD (Institute for Management Development)

No contexto mundial, a pandemia também resultou em uma recessão generalizada. No entanto, alguns países têm se recuperado mais rapidamente do que outros. A previsão é de que o crescimento global desacelere em comparação a padrões vistos no passado, alcançando 2,9% em 2023 segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Além da pandemia, outras questões têm influenciado a economia mundial, como alta inflação, a crescente rivalidade entre EUA e China e os contínuos efeitos da invasão da Ucrânia pela Rússia. A incerteza gerada por esses eventos pode afetar negativamente a atividade econômica e aumentar as tensões comerciais.

Diante desse cenário complexo, é crucial que os países adotem políticas econômicas sólidas para promover o crescimento, o emprego e a estabilidade financeira. Investimentos em infraestrutura, educação, inovação e sustentabilidade são fundamentais para impulsionar o desenvolvimento econômico a longo prazo. No caso brasileiro, é igualmente fundamental que esse conjunto de políticas para a compe-

titividade seja coordenado com uma estratégia de política industrial que promova segurança jurídica e comprometimento dos gestores do Governo, para que mantenham os compromissos assumidos para possibilitar que os investimentos em unidades fabris e desenvolvimento de P&D, que tem prazos de maturação de médio a longo prazo, possam de fato ser concluídos e gerarem os benefícios necessários para o País e a população. É de extrema importância que tais políticas sejam bem coordenadas e tenham articulação entre as diferentes pastas do Governo.

A interdependência entre a economia brasileira e mundial destaca a importância da cooperação internacional e do fortalecimento dos laços comerciais. Superar os desafios e promover um crescimento econômico sustentável e inclusivo requer ações conjuntas.

Apesar dos desafios, tanto a economia brasileira quanto a mundial oferecem oportunidades de recuperação e desenvolvimento. Com políticas econômicas adequadas e investimentos estratégicos, é possível construir um futuro mais próspero e resiliente para todos.

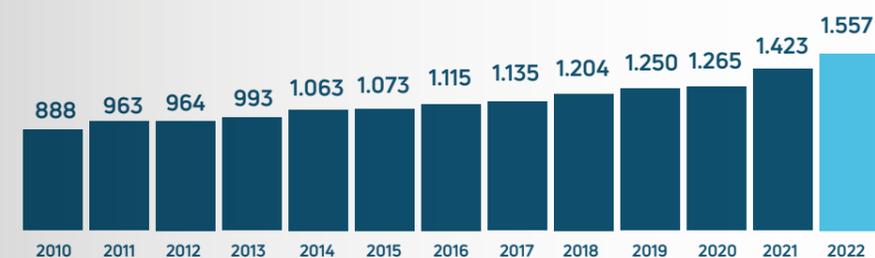
5.2 SETOR FARMACÊUTICO BRASILEIRO E MUNDIAL (FONTE IQVIA)

MUNDO

Os gastos com vendas de medicamentos no mundo tiveram um crescimento representativo se comparado ao período pré-pandemia em grande parte devido a novos gastos com vacinas da Covid-19 e novas terapias. Em 2019 o mercado farmacêutico mundial representava US\$ 1,2

trilhão, e em 2022, esse mercado alcançou US\$1,5 trilhão. Espera-se que o crescimento do mercado global retornará a taxas de crescimento projetadas pré-pandemia de 4,6% CAGR⁸ entre 2024 e 2027, alcançando US\$ 1,9 trilhão apesar das flutuações anuais e variações geográficas.

MERCADO MUNDIAL | BILHÕES DE DÓLARES



Fonte: Statista, IQVIA

Vale destacar que desde 2010, a participação da América do Norte aumentou 7,8% e representa metade do mercado farmacêutico mundial. No entanto, espera-se que o crescimento do mercado farmacêutico seguirá tendências divergentes por região com os maiores mercados estabelecidos como Estados Unidos, Europa e Japão, crescendo mais lentamente a taxas entre -1% a 2%, enquanto mercados como Europa Oriental, Ásia e América Latina crescendo a taxas de CAGR mais elevadas entre 7% a 9%.

Enquanto a quantidade total de medicamentos aumentou em 2% CAGR na última década, os medicamentos oncológicos, liderando as terapias globais, aumentaram em 15% ao ano, impulsionado pelos avanços significativos em novos tratamentos e melhor acesso aos cuidados oncológicos

em todo o mundo, sendo projetado lançamento de cem novos tratamentos ao longo dos próximos cinco anos.

Seguindo os medicamentos oncológicos, os tratamentos para doenças auto-imunes serão impulsionados por um número cada vez maior de pacientes, novos produtos e devido aos medicamentos biossimilares.

A principal área de crescimento de medicamentos nos próximos cinco anos será a biotecnologia, que representará 35% dos gastos globais e incluirá muitas das áreas de maior atividade para novos medicamentos. Além disso, os biossimilares possibilitarão poupar mais de US\$ 290 bilhões em gastos acumulativos até 2027, representando um mecanismo significativo para gerar maior acesso à população.

8. Taxa de Crescimento Anual Composta

O crescimento dos gastos com tratamentos para diabetes está diminuindo nos mercados mais desenvolvidos e em declínio em alguns. Novas terapias contribuem para o crescimento dos mercados de neurologia, incluindo maior uso de terapias novas para enxaqueca, tratamentos potenciais para doenças raras, e terapias para Alzheimer e Parkinson.

A perspectiva para a próxima geração de bioterapias inclui perspectivas clínicas e comerciais significativamente ainda incertas como terapias celulares, gênicas e RNA.

O ano de 2022 trouxe uma restauração pré-pandemia dos fluxos de investimentos das empresas de ciências da vida sediadas nos Estados Unidos, após dois anos de níveis elevados durante a pandemia. Os investimentos das biopharmas norte americanas diminuíram 39% em 2022 frente a uma alta de 2021, mas os investimentos de 2022 permaneceram em torno de US \$ 42,1 bilhões, 25% acima dos US\$ 27,3 bilhões em 2019.⁹

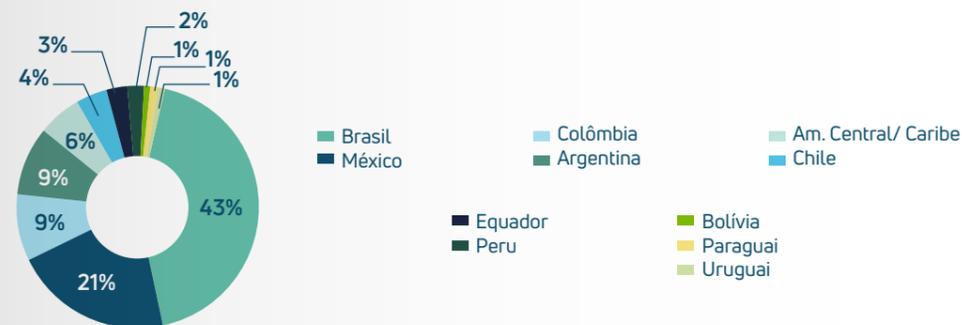
Nos últimos cinco anos, a atividade dos negócios no setor farmacêutico mudou geograficamente para incluir mais empresas com sede na China e na Coreia, e menos empresas baseadas na Europa. Enquanto na América do Norte, as empresas continuam a executar o maior número de negócios, estes diminuíram ligeiramente ao longo dos últimos cinco anos.

O gasto de P&D do setor farmacêutico como um todo permaneceu alto, com um recorde de US\$ 138 bilhões investidos em P&D pelas 15 maiores empresas farmacêuticas em 2022, representando um aumento de 43% desde 2017. O número de negócios entre empresas farmacêuticas caiu 25% de 2021 a 2022, entretanto teve um aumento na participação de negócios envolvendo biopharmas emergentes com empresas maiores.

BRASIL

O Brasil representa 2% do mercado farmacêutico mundial e 42% da América Latina. O mercado farmacêutico brasileiro possui faturamento superior à soma dos outros três países mais relevantes: México (21%), Colômbia (9%) e Argentina (9%). Os gastos com saúde no País cresceram mais de 20% entre os anos de 2010 e 2019¹⁰, o qual passou a ocupar o 8º lugar no ranking mundial de gastos com saúde¹¹ em 2022. Segundo as projeções internacionais, em poucos anos o Brasil será o quinto maior mercado farmacêutico no ranking global. O País figura entre os principais mercados farmacêuticos emergentes, com projeções de crescimento entre 9% e 12% até 2027¹². Frente a esse contexto, o setor de saúde assume papel protagonista nas agendas social e econômica no Brasil.

PARTICIPAÇÃO NO MERCADO FARMACÊUTICO DA AMÉRICA LATINA



Fonte: IQVIA

9. <https://www.iqvia.com/insights/the-iqvia-institute/reports/global-trends-in-r-and-d-2023>

10. Contas Satélites de Saúde (IBGE – 2019)

11. IQVIA Institute. The Global Use of Medicine 2023. 46

12. IQVIA Institute. The Global Use of Medicine 2023.

Em 2022, o mercado varejo brasileiro de medicamentos movimentou mais de R\$ 106 bilhões e comercializou 5,3 bilhões de embalagens de medicamentos. As empresas farmacêuticas de capital nacional têm adquirido cada vez maior destaque nesse mercado, crescendo a uma taxa anual de

cerca de 17% e alcançando posições cada vez mais altas no ranking farmacêutico brasileiro. Estas empresas responderam, em 2022, pelo fornecimento de 50,86% do mercado brasileiro em valor e abasteceram 66% das unidades de medicamentos consumidos pelos brasileiros.

MERCADO NACIONAL VAREJO | R\$ PPP EM BILHÕES



Fonte: IQVIA

MERCADO NACIONAL VAREJO | UNIDADES EM BILHÕES



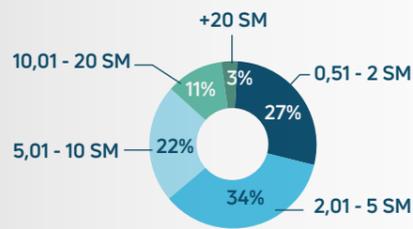
Fonte: IQVIA

A indústria farmacêutica instalada no Brasil respondeu por +93 mil postos de trabalho formais¹³ em 2021. Por ser um setor intensivo em tecnologia, a indústria farmacêutica contrata trabalhadores com alta qualificação e salários mais altos. O perfil de escolaridade

desses trabalhadores é predominantemente de ensino superior completo e ensino médio completo, 44% e 43% respectivamente. Atualmente, 50% dos empregos neste setor são ocupados por trabalhadoras do sexo feminino e 50% do sexo masculino.

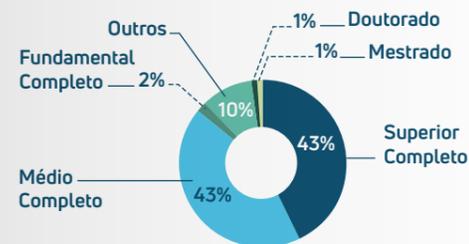
13. Ministério da Trabalho e Previdência - Relação Anual de Informações Sociais (RAIS – Indústria farmacêutica 2021)

EMPREGADOS POR FAIXA SALARIAL



A indústria farmacêutica, por meio da inovação, valoriza seus colaboradores e incentiva a especialização com salários mais altos.

EMPREGADOS POR ESCOLARIDADE



43% dos empregos possuem o ensino médio completo e 43% possuem ensino superior completo.

EMPREGOS FORMAIS POR SEXO



O percentual de empregados em 2006 do sexo masculino era de 53%, em 2021 esse percentual é de 50%.

Fonte: RAIS (2021)
CNAE 2.0 Classe: Fabricação de Medicamentos para Uso Humano e Fabricação de Preparações Farmacêuticas

Entre 2008 e 2017, a participação de pessoal ocupado em atividades de P&D saltou de 3,2% para 4,3% entre as grandes empresas farmacêuticas de capital nacional. A indústria farmacêutica de capital nacional continua investindo fortemente no Brasil levando renda e conhecimento para várias regiões do território nacional. Foram investidos R\$ 11 bilhões pelas farmacêuticas nacionais na última década

em unidades fabris, aumento da capacidade produtiva e construção de centros de P&D.

A indústria farmacêutica brasileira tem-se mostrado cada vez mais competitiva e mantém-se em crescimento mesmo em meio a um cenário econômico desfavorável e com seus medicamentos sendo ofertados em condições de concorrência

direta com os medicamentos importados do resto do mundo.

Essa indústria tem sido capaz de responder aos desafios da população por meio da oferta de vacinas, medicamentos para tratamento de HIV, genéricos e biossimilares, construindo uma base industrial de primeiro nível.

Vale lembrar que o setor saúde no Brasil foi marcado por quatro ciclos de sucesso das políticas públicas de saúde. O primeiro ciclo foi caracterizado pelo desenvolvimento nacional no segmento de vacinas com o êxito no enfrentamento da poliomielite, do sarampo e da rubéola tornando o Brasil referência mundial nessa tecnologia e na universalidade dos programas de imunização. O segundo ciclo só foi possível devido à participação e ao comprometimento do empresariado brasileiro, respondendo à publicação de políticas estruturantes do Governo quando destacaram-se os medicamentos similares, genéricos e princípios ativos, impulsionados pela criação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) (Lei nº 9.782 de 26/01/1999) e a publicação da Lei dos Genéricos (Lei nº 9.787, de 10/02/1999). O terceiro ciclo teve como foco o enfrentamento ao HIV/AIDS com a evolução da oferta de tratamento no Brasil para milhares de pacientes por meio da produção dos princípios ativos e medicamentos. O quarto ciclo é marcado pelo tratamento de doenças crônicas e degenerativas por meio de terapias avançadas com medicamentos biológicos, sendo necessário o desenvolvimento de novas plataformas tecnológicas, oferta de produtos de maior valor agregado e de alto custo para o SUS.

O setor de saúde nacional ascendeu significativamente quando a indústria farmacêutica voltou a ser alvo de políticas ativas por parte do governo federal, principalmente a partir dos anos 2000.

Desde então, a indústria farmacêutica brasileira desenvolveu-se substancialmente, primeiramente apropriando-se da tecnologia necessária para o desenvolvimento de medicamentos similares e genéricos, os quais possibilitaram aumento da concorrência no mercado nacional aliado a uma redução nos preços dos medicamentos no País. Posteriormente observou-se um aumento da capacidade inovadora da indústria nacional e nos vultosos investimentos em inovação incremental possibilitando que essas empresas tenham capacidade e conhecimento para desenvolver inovações radicais localmente. Não é diferente agora com os modernos biotecnológicos, medicamentos já produzidos por empresas farmacêuticas nacionais e fornecidos ao SUS e ao mercado privado que estão na fronteira da inovação e são o futuro na oferta e demanda de produtos de saúde global no curto e médio prazo. Essa expertise possibilitará à indústria farmacêutica nacional traçar o caminho tecnológico para que as empresas nacionais façam o catch up para o desenvolvimento de terapias avançadas no Brasil.

Nos últimos 10 anos, essas empresas farmacêuticas nacionais com grande participação no mercado brasileiro atingiram capacidades para alcançar a posição de empresas internacionalizadas. As farmacêuticas nacionais estão buscando inserção internacional para aprimorar suas capacidades produtivas e inovativas. O investimento em fábricas, em serviços de pesquisa e desenvolvimento, em transferências tecnológicas e em cooperação com empresas de outros países trarão impactos positivos não apenas para as empresas investidoras, mas para o País como um todo. Esta atuação internacional possibilitará ao Brasil ter acesso a medicamentos de ponta e impulsionará o desenvolvimento tecnológico nacional.

As empresas do Grupo FarmaBrasil estão simultaneamente investindo em desenvolvimento de medicamentos e em inovações fora do País e aumentando a presença no mercado da América Latina com o portfólio consolidado das empresas nacionais. Tais empresas estão entrando em países desenvolvidos por meio de aquisições compatíveis com seu porte e/ou instalando centros de P&D em países como Canadá, Estados Unidos, Sérvia, Itália, Chile, Argentina e Uruguai.

A internacionalização produtiva é essencial para que as empresas se insiram na dinâmica da concorrência internacional, conheçam seus competidores no plano tecnológico e tenham acesso aos centros de pesquisa e às tecnologias de ponta.

